

# Cinema na periferia da periferia

por Alfredo Manevy  
matéria cedida pela revista Reportagem

Cidade de Tiradentes, março de 2002. Zona leste de São Paulo. Uma grande faixa avisa que a Oficina de Cinema Kinoforum começa nessa sexta-feira. A faixa é motivo de algum rebuliço. Cinema, aqui?

A Oficina de Tiradentes começará com uma exibição de curtas-metragens em película para a comunidade. A opção é do cineasta Christian Saghaid, coordenador do projeto, e com um largo histórico de projeção de curtas: “O primeiro encontro deles deve ser com o cinema, com a projeção em película, em público.”

O ritual já se tornou sagrado nas Oficinas. E, para a equipe do projeto, o mito por detrás é bastante vivo: trata-se de recuperar, em lugares onde o cinema nunca existiu, foi destronado pela TV ou pelas Igrejas Evangélicas, aquele solo da experiência coletiva sob a luz do cinematógrafo. Os alunos têm esse primeiro contato com o cinema em comunidade e sabem que, concluídas as seis oficinas deste ano, os vídeos realizados serão exibidos em programa nos seus próprios bairros e no Festival Internacional de Curtas-Metragens, realizado também pela Kinoforum.

Nessa projeção inicial na Cidade Tiradentes são exibidos vídeos das oficinas anteriores, realizadas em 2001 no Centro

Cultural Monte Azul, na COHAB Raposo Tavares, na Freguesia do Ó, e no Centro Cultural São Paulo. Cada Oficina durou dois finais de semana. Ao todo, 16 vídeos contendo em média 5 minutos. Os participantes desenvolvem, na primeira

fase, argumentos e roteiros individualmente e depois em grupo, até à gravação de quatro vídeos por oficina. Além da direção dos vídeos, os jovens operam os equipamentos (câmeras digitais, microfones etc.) e participam do processo de edição, que acontece nas próprias comunidades.

De início, o resultado das oficinas de 2001 brilha pelo frescor dos espaços filmados, a escolha das

locações. Um dos pré-requisitos solicitados aos alunos na ficha de inscrição é que façam o filme no bairro em que moram. Para ser selecionado, o aluno não precisa ter conhecimentos técnicos, mas ter algo a mostrar ou contar. Alguns alunos são músicos e realizam as trilhas sonoras dos vídeos. Na Freguesia do Ó, um aluno criou um som de sirene de polícia com uma guitarra. Há também uma orientação para que privilegiem a composição de imagens no lugar de verbosidade de “cabeças falantes” comum à reportagem televisiva.

No vídeo *Tato*, dirigido por Luciano Oliveira da Oficina



Monte Azul, um skatista desempregado da zona sul perambula à procura de trabalho. A mistura de documentário e ficção, ou “doc-fic” é uma prática comum a vários dos vídeos já produzidos, e também uma orientação pedagógica das Oficinas. O jovem Tato, amigo do realizador do vídeo, interpreta a si mesmo, batendo de porta em porta em lojas e mecânicas. E a câmera flagra cenas de encorajamentos hipócritas, “o trabalho dignifica o homem”, entre sucessivas negativas dos patrões. Resta o skate, a liberdade nas ruas, o risco, um baseado aceso num quarto escuro. O filme é documental em suas evidências de desemprego, expostas no vídeo como feridas abertas, com direito a acusações ao atual presidente da República. Mas é lírico na forma como adere à vitalidade confessional de um jovem da zona sul, na cena em que Tato corre detrás da câmera, metáfora de sua condição, verdadeiro eco daquela famosa cena de *O Grande Momento*, de Roberto Santos, onde vemos um Gianfrancesco Guarnieri ainda garoto seguindo a câmera de bicicleta: um dos poucos momentos em que o cinema feito em São Paulo flertou com o realismo.

Algo desse raro realismo paulistano relampeja nos vídeos produzidos, mas não se trata de um realismo rasteiro, sem fantasia, sem abstração. Como diz um aluno da Cidade Tiradentes: “Para mim a realidade é insuportável”. O aluno Endrigo é autor da frase, e também de um dos roteiros mais imaginativos, uma ficção futurista passada na Cidade Tiradentes: para além de um realismo tacanho, superficial, Endrigo entendeu que a Oficina propõe uma ligação mais profunda, solidária, entre real e ficção.

*Tato* foi realizado em apenas um dia, regra seguida por todos os outros vídeos. Nesse sentido, as dificuldades de produção, e o pouco tempo oferecido, praticamente impedem vídeos com grande preparação de atores, diálogos decorados, cenários elaborados, ou coreografias. O modo de produção impede a opção por aquele naturalismo opressivo e higiênico da televisão: algo crucial, na medida em que novelas e telejornais são influências hegemônicas no cotidiano dos alunos, e há uma tendência inicial a reproduzi-las nos vídeos.

A princípio, o vídeo *Vira-Vira* parece ser o oposto de *Tato*. Também realizado por um grupo da Favela Monte

Azul, num espírito de colaboração em grupo que marca todas as oficinas, o filme aborda um ex-alcoólatra que se aproximou das coisas simples da vida ao encontrar o evangelho. O filme começa com um depoimento biográfico, mas de repente há uma extraordinária mudança, e atores (escalados entre os próprios alunos) começam a “reconstituir” os tempos de alcoolismo, com uma graça e ironia tão finas que as imagens começam a trair o moralismo da fala. Sem sobreaviso, da reportagem passamos ao surreal. Uma santa ceia ocorre enquanto se escuta o ponto de Exu, e um *rapper* conduz a cerimônia heterodoxa numa celebração espontânea de vida.

Esses dois vídeos marcam um forte traço das oficinas, uma estética que, além de misturar ficção e documentário, abolindo essas categorias, aponta para um modo de produção simples e despojado. Nesse sentido, é notável que muitas das características formais dos vídeos remetam ao âmago da intervenção do cinema moderno. Oposto ao cinema clássico hollywoodiano, o cinema moderno se afastou do opulento modelo de estúdios, com grandes estrelas, que imperava até 1945. Esse novo cinema começa com o neo-realismo italiano, e depois amadurece, semeando os cinemas novos de todo mundo, incluindo aí o Cinema Novo brasileiro, e o Cinema Marginal. Seu método consistia em trabalhar com atores não profissionais, locações reais, luz natural, dando menor importância ao roteiro e ao enredo, considerando o cinema, em parte, “uma criação oferecida pela própria vida”.

Com o objetivo de entrosar os roteiros dos alunos com o modo de produção disponível, a aula teórica das Oficinas, que antecede as gravações, promove uma reflexão de contra-hegemonia cultural, ao privilegiar a análise de filmes que pertençam a tradição do cinema moderno, dando ênfase ao cinema brasileiro. A consciência da precariedade, dizia Glauber, é capaz de liberar extraordinárias energias criativas. Se Glauber pensava o Brasil como periferia do capitalismo, o desafio agora é pensar que cinema forjar na periferia da periferia?

Ganha igual ênfase na aula teórica o documentário, e seus diversos formatos, como o cinema verdade, o cinema direto e a reportagem jornalística. Num tempo em que um

*boom* de documentários brasileiros procura dar sua versão da imagem da periferia e da “urbanidade”, as oficinas oferecem um espaço para que os objetos se tornem sujeitos de sua própria imagem.

Outra condição decisiva para as Oficinas Kinoforum surge recentemente com o barateamento de tecnologias de captação de imagens, com o advento das câmeras digitais (as miniDV's) e, principalmente, com o conceito de pós-produção caseira que a empresa de computadores Apple vem difundindo em campanha. A Apple e a JVC são parceiras das Oficinas, emprestando equipamento para uso dos alunos.

Mas ter um aparelho pode significar muito pouco, ou quase nada, se faltam a consciência do modo de produção e os conceitos formais. Aprender a operar uma câmera é algo

que se faz em poucos minutos mas os cineastas do começo do século XX, dos irmãos Lumière a Griffith, demoraram 20 anos para consolidar uma gramática, organizando imagens e sons de uma forma narrativa.

Futuramente, caberá aí um outro passo, que talvez já nem seja papel das Oficinas mas de uma política mais ampla de cinema na cidade: criar núcleos permanentes de produção descentralizados em São Paulo, com uma produção que deveria ser escoada por canais como a TV Comunitária e a TV Cultura. Surgiria então aquela verdadeira e há muito desejada TV brasileira independente? A produção é uma batalha parcialmente vencida, graças às Oficinas, mas a guerra mais complicada é a circulação ampla desta versão que a periferia faz de si mesma.

